

ÍNDIOS **(grupos indígenas, educação, linguagem)**

ALÉM DOS TERRITÓRIOS: PARA UM DIÁLOGO ENTRE A ETNOLOGIA INDÍGENA, OS ESTUDOS RURAIS E OS ESTUDOS URBANOS, org. por Ana Maria de Niemeyer e Emília Pietrafesa Godói. Campinas, Mercado de Letras, 1998. 288p.

Discussão sobre espaços sociais e simbólicos, visando incentivar um diálogo nos vários campos da antropologia urbana, rural e indígena. Contém mapas cartográficos, etnocartográficos e fotografias.

AMAZÔNIA: O POVO DAS ÁGUAS, de Pedro Martinelli; textos de Leão Serva. São Paulo, Terra Virgem, 2000. 262p. ilustr. fotos.

Retrata a vida dos caboclos, povos da floresta amazônica, os meandros dessa terra das águas. Ricamente ilustrado, é um documento do cotidiano das populações ribeirinhas do grande rio-mar.

OS ANTIGOS HABITANTES DO BRASIL, de Pedro Paulo Funari. São Paulo, Ed. UNESP/IMESP, 2002. 56p. Ilustr. 22x27cm ISBN 85-71393-34-6

De maneira didática e com muitas ilustrações, mostra o que acontecia em nossa terra antes da chegada dos portugueses. Mostra o que seus habitantes faziam, o que comiam, seus desenhos e as histórias que contavam e o quanto devemos a eles.

A ARTE DOS PAJÉS: IMPRESSÕES SOBRE O UNIVERSO ESPIRITUAL DO ÍNDIO, de Orlando Villas Boas. Rio de Janeiro, Globo, 2000. 130p. ISBN 85-85031-64-X

Baseado em 50 anos de observação e estudos, o livro mostra de que forma a religião e os mitos estão integrados à vida das nações indígenas que habitam a região do Xingu. O autor relata histórias sobrenaturais que testemunhou durante sua convivência com as tribos xinguanas.

OS BRASILEIROS E OS ÍNDIOS, de Márcio Santilli. São Paulo, SENAC, 2001. 156p.

Através da pesquisa de opinião pública, o autor busca respostas a várias questões relacionadas aos índios - discriminação, direito à terra, exploração, cultura, sendo esse livro mais uma contribuição ao debate das questões indígenas no Brasil.

CARAMURÚ E CATARINA: LENDAS E NARRATIVAS SOBRE A CASSA DA TORRE DE GARCIA D'ÁVILA, de Francisco Dória. São Paulo, SENAC, 2001. 174p.

Conta sobre uma família de elite que mandou no país.

O CASAMENTO ENTRE O CÉU A TERRA: CONTOS DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL, de Leonardo Boff. Rio de Janeiro, Salamandra, 2001. 162p.

O autor narra contos indígenas sobre os mistérios da criação, amor e morte, mitos do céu e da terra. O índio e sua visão da natureza, em edição de excelente qualidade, fartamente ilustrado e com fotos coloridas. Também traz uma lista dos povos indígenas do Brasil contemporâneo e uma reflexão sobre a importância de sua existência.

CAYAPÓ E PANARA: LUTA E SOBREVIVÊNCIA DE UM POVO JÊ NO BRASIL CENTRAL, de Odair Geraldin. Campinas, SP, Ed. UNICAMP, 1997. 200p. ISBN 85-26804-07-3

História do grupo indígena Cayapó nos séculos 18, 19 e 20, que mostrou que os Panara (também conhecidos como Kreen-Akrore) são atualmente seus descendentes.

CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DA AMAZÔNIA: VASILHAS DA COLEÇÃO TAPAJÔNICA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, org. de Denise Maria Cavalcante Gomes. São Paulo, Ed. USP/FAPEESP/IMESP, 2002. 360p. ilustr. cores.

ISBN 85-31406-16-1

Aqui estão reproduzidas, com esmero, peças do acervo da Coleção Tapajônica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Traz também estudos que partem da leitura crítica de vasta bibliografia, descrição sistemática das peças, classificação, datação e interpretação, dando uma visão sobre o desenvolvimento cultural dos povos da Amazônia.

COURO DOS ESPÍRITOS, de Betty Mindlin. São Paulo, SENAC, 2001. 254p.

Livro que foi uma iniciativa dos índios Gavião Ikolen, de Rondônia, que pediram à autora que escrevesse a primeira versão, em português, das narrativas e depoimentos dos mais velhos do povo,

em tradução de Sebirop Catarino, um dos mais expressivos líderes indígenas do país, num mergulho no Xamanismo e em outras tradições desse povo indígena brasileiro, meio século depois do primeiro contato com o homem civilizado.

CRIANÇAS INDÍGENAS: ENSAIOS ANTROPOLÓGICOS, de Ana Vera L. S.Macedo, Ângela Nunes e Aracy Lopes da Silva. Rio de Janeiro, Global, 2002. 280p. ISBN 85-26007-27-0

Os estudos incluídos neste livro abrem possibilidade de reflexão e ação sobre os aspectos que afetam diretamente a vida das crianças indígenas: como vivem? Do que brincam? Quais seus interesses? O que aprendem? Etc.

DIAS EM TRUJILLO, de Ruy Coelho; tradução de Sylvia Takeda e Sonia Fantauzzi. São Paulo, Perspectiva, 2000. 268p.

Diário de campo produzido durante as pesquisas junto aos indígenas Caraíbas Negros, de Honduras, escrito em inglês entre 1947 e 1948, para tese de doutorado na Northwestern University (USA). O autor trabalhou na UNESCO e foi professor na Universidade de São Paulo (USP).

DICIONÁRIO TUPI-PORTUGUÊS: COM ESBOÇO DE GRAMÁTICA DO TUPI ANTIGO, de Luiz Caldas Tibiriçá. 2.ed. Santos, Traço, s/d. 200p.

Acervo de cerca de 10.000 palavras e também de gramática do velho Tupi. Resultado de longos anos de pesquisas em Bibliotecas e andanças pelo sertão em contato com nativos, listando topônimos desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul.

ENCICLOPÉDIA DA FLORESTA – O ALTO JURUÁ: PRÁTICAS E CONHECIMENTO, de Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida. São Paulo, Companhia das Letras, 2002. 735p. ilust. ISBN 85-35902-38-4

Ex-professora da Universidade Estadual de Campinas e da Universidade de São Paulo, atualmente na Chicago University, antropóloga e matemática, juntamente com o também antropólogo Mauro Almeida, chefiando um grupo de 145 cientistas, seringueiros e índios apresenta o conjunto das práticas tradicionais dos habitantes do Alto Juruá, no Oeste do estado do Acre, como uma alternativa ao modelo de desenvolvimento para a Amazônia, que até agora tem estado mergulhado na miséria e degradação ambiental.

ESPELHO ÍNDIO: A FORMAÇÃO DA ALMA BRASILEIRA, por Roberto Gambini. São Paulo, Axis Mundi/Terceiro Nome, 2000. 192p. ilust.

O autor, cientista social e psicanalista junguiano, faz um "flash back" na história e chega à imagem que o europeu colonizador formou o índio nativo - e vice-versa - desde o momento do primeiro encontro. "O português não estava interessado na alma indígena mas no corpo da índia e no braço escravo do mando dela". As 100 imagens do livro tentam reconectar a linguagem perdida da alma.

FRANCESES E TUPINAMBÁS NA TERRA DO BRASIL, de Adriana Lopez. São Paulo, SENAC, 2001. 160p.

A autora narra os passos iniciais incertos dados na terra que viria a ser o Brasil, contando a história dos franceses na terra brasileira e a intenção de nela estabelecer uma França Antártica e uma França Equinocial; suas lutas com os portugueses e as alianças com os nativos da terra, os tupinambás.

GRAMÁTICA DO KAMAIURÁ: LÍNGUA TUPI-GUARANI DO ALTO XINGU. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP/São Paulo, Imprensa Oficial, 2000. (Coleção Pesquisas). 500p. ilust. bibliogr.

Pesquisa que demandou muitos anos de trabalho, onde Professora da UNICAMP apresenta um panorama lingüístico geral da região do Alto Xingu, bem como uma breve história das migrações dos Kamaiurá e suas relações com os demais povos da região. Prova que, dentre as 170 línguas indígenas do Brasil, muitas delas permanecendo em completo desconhecimento para a maioria de professores e alunos dos cursos de letras e lingüística, que elas existem e são produtivas em grande parte do território nacional.

A GUERRA DOS BÁRBAROS: POVOS INDÍGENAS E A COLONIZAÇÃO DO SERTÃO NORDESTE DO BRASIL (1650-1720), de Pedro Puntoni. São Paulo, Ed. USP/FAPESP/Hucitec, 2002. 323p. ilust. mapas, grav. (Estudos Históricos, 44). ISBN 85-27105-68-3

Das formas distintas da apropriação do território e da organização social – de um lado a zona produtiva (açúcar, tabaco, etc.) e do outro a pecuária de gado do sertão. Período fértil em história

com a ocupação holandesa. Série de conflitos no Brasil colonial entre os povos indígenas e os colonos luso-brasileiros.

HANS STADEN: PRIMEIROS REGISTROS ESCRITOS E ILUSTRADOS SOBRE O BRASIL E SEUS HABITANTES; tradução de Angel Bojadsen. São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 1999. 120p. ilustr. Com xilogravuras.

Viajante alemão que veio ao Brasil no século 16, teve o relato de sua viagem em 1557 "pirateado" em Frankfurt. Nunca é pouco divulgar mais e mais esse relato, o que vem também, cada vez mais, estimulando o questionamento e realização de estudos e pesquisas importantes sobre o Brasil. Texto de Fernando Novais nas páginas 12 a 25.

A INCONSTÂNCIA DA ALMA SELVAGEM, de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo, Cosac & Naify, 2002. 552p. ilustr. encadernado com sobrecapa ISBN 85-75031-26-0

Um dos mais importantes antropólogos brasileiros da atualidade reúne aqui 9 ensaios, a maioria publicado em revistas acadêmicas na década passada, que ilustram a trajetória intelectual do autor desde os primeiros estudos sobre tribos amazônicas. Discípulo de Lévi-Strauss e professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, depois de ter pesquisado e lecionado em centros acadêmicos de excelência como Cambridge (England) e Paris (França), ele aqui afirma que os ameríndios partilham uma herança cultural comum, procurando as equivalências entre a visão do mundo dos diferentes povos indígenas do continente americano.

OS INDÍGENAS DO PLANALTO PAULISTA NAS CRÔNICAS QUINHENTISTAS E SEISCENTISTAS, de Benedito A. G. Prezia. São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP, 2000. 268p. ilustr.bibliogr.

Originalmente dissertação de Mestrado na Universidade de São Paulo, aborda 2 temas: a importância dos relatos dos cronistas e missionários na pesquisa da história e da etnolinguística e apresenta as populações indígenas do Planalto paulista nos séculos 16 e 18. O autor militou no Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e foi redator do Suplementos Cultural do jornal indigenista "Porantim".

O ÍNDIO NA HISTÓRIA DO BRASIL: O POVO TENETEHARA EM BUSCA DA LIBERDADE, de Mércio Pereira Gomes. Petrópolis, Vozes, 2002. 631p ilustr. 16x23cm ISBN 85-32626-23-8

O autor, com PhD em Antropologia e vários livros publicados, foi professor na UNESP, UNICAMP, UERJ e Macalestes (USA) e atualmente está na Universidade Federal Fluminense. Conta a saga do povo Tenetehara, desde sua escravidão, no Brasil colônia, nos estados do Maranhão e Grão-Pará, até serem missionizados, cristianizados, africanizados, etc. Fizeram uma das rebeliões da história do Brasil há mais de 100 anos atrás e hoje, com sua população em ascensão, buscam um novo destino.

OS ÍNDIOS ANTES DO BRASIL, de Carlos Fausto. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000. 95p.

Antropólogo e professor universitário relata um mundo que se desenvolveu por milênios, até um dia ser descoberto e conquistado. Das escarpas dos Andes ao Amazonas, do cerrado ao litoral, o conhecimento desse mundo antes da chegada de Pedro Álvares Cabral.

OS ÍNDIOS CHARRUA E MINUANO NA ANTIGA BANDA ORIENTAL DO URUGUAI, de Ítala Irene Basile Becker. São Leopoldo, RS, Ed. UNISINOS, 2001. 248p. (Série Acadêmica). ISBN 85-74310-88-3

Os índios Charrua e Minuano foram os principais ocupantes da antiga Banda Oriental, do Uruguai, durante o período de colonização do Brasil. A autora pesquisou, coletou, fixou e organizou os inúmeros dados dispersos sobre essas comunidades e mostra como o colonizador ibérico, tanto o espanhol como o português, agiu sobre esses indígenas e como eles reagiram à essa ação e foram, à revelia, incorporados à sociedade branca.

ÍNDIOS TUPI-GUARANI NA PRÉ-HISTÓRIA: SUAS INVASÕES DO BRASIL E O PARAGUAY - SEU DESTINO APÓS O DESCOBRIMENTO, de Moacyr Soares Pereira. Maceió, Ed. da Univ. Fed. de Alagoas, 2000. (Coleção Nordestina) 160p.

A trajetória dos índios tupi-guaranis antes e depois dos descobrimentos.

IRECÊ a GUANÁ: Alfredo D'Escragnolle Taunay. Rio de Janeiro, Iluminuras, 2000. 176p.

Quatro autores literários - Antônio Cândido, Haroldo de Campos, Lúcia Sá e Sérgio Medeiros - analisam o conto escrito pelo Visconde de Taunay sobre os encontros e desencontros entre brancos e índios.

KAPOTO: LAUDO ANTROPOLÓGICO, por Vanessa Rosemary Lea. Campinas, UNICAMP/IFCH, 1997. 201p. ilustr. fotos, mapas

Área indígena habitada pelos índios Mebengokre e Juruna, foi amputada pela construção da estrada BR-80, no início da década de 70. Depois foi reconhecida como área indígena. A obra mostra a diversidade das linguagens jurídica e antropológica, uma estabelecendo um limite territorial e outra compreendendo o modo de vida indígena. A autora, inglesa, é doutora em Antropologia e professora na UNICAMP.

LAS CASAS: TODOS OS DIREITOS PARA TODOS, de Frei Carlos Josaphat. Rio de Janeiro, Loyola, 2000. 384p.

Bartolomé de Las Casas, religioso dominicano, foi a única voz que se levantou em favor dos índios. O autor amalgama narrativa biográfica e análise de idéias, eventos históricos e marcha do pensamento para mostrar o frei como homem de ação e militante junto a reis e ao papa para forçar a promulgação de decretos, leis e bulas na defesa dos indígenas.

LEITURA E ESCRITA EM ESCOLAS INDÍGENAS, org. por Wilmar D'Angelis e Juracilda Veiga. Campinas, Mercado de Letras, 1997. 224p.

Reúne os principais trabalhos apresentados no II Encontro sobre Educação Indígena, em Campinas, que procurou diagnosticar os problemas enfrentados pelas comunidades de indígenas brasileiros.

AS LÍNGUAS AMAZÔNICAS HOJE, org. de F. Queixalós e O. Renault-Lescure. São Paulo, Instituto Socioambiental, 2000. 431p. ilustr. mapas ISBN 85-85995-06-1

Em artigos de pesquisadores e professores universitários da área, traz artigos em 4 idiomas; português, inglês, francês e espanhol. Acompanha encarte com 9 mapas.

MEU QUERIDO CANIBAL, de Antônio Torres. Rio de Janeiro, Record, 2000. 192p.

Amontoado histórico sobre o famigerado chefe indígena Cunhambebe e as primeiras décadas da nossa desde então maltratada "terra brasilis".

AS MISSÕES JESUÍTICAS E O PENSAMENTO POLÍTICO MODERNO: ENCONTROS CULTURAIS, AVENTURAS TEÓRICAS, de José Eisenberg. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 2000. 264p.

Os jesuítas foram os primeiros homens a compreenderem não somente o horror mas também os significados mais profundos da conquista europeia do Novo Mundo. O autor implode as distinções convencionais entre cultura secular e cultura religiosa e mostra alguns dos temas mais explosivos da modernidade, que surgiram no mundo católico.

NOTÍCIAS SOBRE OS SELVAGENS DO MUCURI, de Teófilo Otoni, org. de Regina Horta Duarte. Belo Horizonte, MG, Ed. UFMG, 2002. 184p. ISBN 85-70412-90-8

Teófilo Otoni (1807-1869) foi marcante político mineiro do Serro, vindo de uma família de tradições liberais. De destacada atuação política em torno de Abdicação de Dom Pedro I, em 1831 e durante a Revolta Liberal de 1842. Voltou-se depois para o sonho de desbravar o Vale do Rio Mucuri, em Minas Gerais, região da Mata Atlântica, que era habitada por indígenas nômades.

PACIFICANDO O BRANCO: COSMOLOGIA DO CONTATO DO NORTE-AMAZÔNICO, org. de Bruce Albert e Alcida Rita Ramos. São Paulo, Ed. UNESP, 2002. 540p. Ilustr. 21x27cm. ISBN 85-71393-55-9

No trato com as nações indígenas, o problema sempre foi como fazer para compreender aqueles povos de civilização rudimentar. Este livro inverte a questão: no desenrolar desse processo, os índios estavam também tentando entender os brancos, descreve-os, amansando-os, portanto, tentando compreendê-los como eles nos compreendem. Como está escrito em sua contra-capla, é um livro magistral, esperado há muitos anos pelos especialistas da área.

PAJÉ, de Yara Miowa. Rio de Janeiro, Gryphus, 2001. 197p. ISBN 85-75100-18-1

Conto, no qual a cultura oriental encontra-se com a indígena, de autora que estudou Antropologia Religiosa. As duas culturas, unidas, analisam a cultura ocidental contemporânea de modo singular.

PANARÁ: A VOLTA DOS ÍNDIOS GIGANTES: texto de Ricardo Arnt, Lúcio Flávio Pinto e Raimundo Pinto; fotos e relato de Pedro Martinelli. São Paulo, Instituto Socioambiental, 1998. 170p. ilustr. fotos p/b 21x30cm. ISBN 85-85994-04-5

História e saga dos índios, o que aconteceu antes e depois do “primeiro contato” de um povo indígena com a sociedade brasileira, revisitando fontes de informações e com entrevistas de inúmeros personagens. Es-pe-ta-cu-laaaarrr !!!

PARQUE INDÍGENA DO XINGU: LAUDO ANTROPOLÓGICO, de Vanessa Rosemary Lea. Campinas (SP), IFCH/UNICAMP, 1997 220p. ilustr. fotos, mapas.

Antropóloga inglesa, professora na UNICAMP, apresenta o resultado de pesquisa de campo feita na parte norte do Parque Nacional do Xingu, junto aos índios mebengokre, permitindo conhecer a constituição dessa área, bem como sua população. Ilustrado com fotos de habitações, artesanato, pessoas, animais, etc.

OS POVOS DO ALTO XINGU: HISTÓRIA E CULTURA, org. por Bruna Franchetto e Michael Heckenberger. Rio de Janeiro, Ed. da UFRJ, 2000. 493p.

Os 15 ensaios reunidos foram objeto de pesquisa de antropologia cultural entre as 9 etnias do Alto Xingu, no estado de Mato Grosso, em plena Amazônia meridional. Os povos que habitam o Parque Nacional do Xingu (criado em 1961, como a primeira reserva indígena do Brasil) tem papel importante na história das sociedades indígenas formadoras da nacionalidade brasileira.

POVOS INDÍGENAS E TOLERÂNCIA: CONSTRUINDO PRÁTICAS DE RESPEITO E SOLIDARIEDADE, de vários autores. São Paulo, Ed. USP, 2002. 304p. ISBN 85-31406-61-7

Textos apresentados no Seminário Internacional de Ciência, Cientistas e Tolerância, abordando o tema central do índio e seu papel sociocultural. A tolerância, foco maior do livro e de todo seminário, é vista como a grande aliada da ciência para a produção de uma civilização guiada pelos direitos universais e crescimento social.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL: 1996-2000, org. por Carlos Alberto Ricardo. São Paulo, Instituto Sócio-Ambiental, 2001. 832p. ilustr. mapas e fotos.

A população indígena no Brasil chega a 350.000 pessoas e apresentou um crescimento de 3.5% anuais entre 1996 e 2000, porém 12 povos estão à beira da extinção. Para fazer esse livro, que é referência sobre o tema, foi preciso reunir dados de mais de 200 colaboradores de todo país, apresentados em 832 páginas, 27 mapas, 270 fotos e 81 artigos de especialistas no tema e mais de 1.500 notícias de jornais brasileiros, e que pela primeira vez inclui depoimentos de representantes indígenas. O Instituto Sócio-Ambiental é uma Organização- Não-Governamental (ONG) que trabalha com indígenas brasileiros.

A QUESTÃO INDÍGENA E A ESCOLA, de vários autores. Rio de Janeiro, Global, 2001. (Série Antropologia e Educação, v.1) 400p.

Comenta a escolarização dos povos indígenas.

REGIÃO E NAÇÃO NA AMÉRICA LATINA, org. de George de Cerqueira Leite Zarur. Brasília, DF, Ed. da UnB, 2001. 246p.

Antropólogos do Brasil, Venezuela, Colômbia e México discutem questões comuns, como a identidade étnica, imigrantes e seus descendentes, grupos indígenas, globalização e regionalização.

RITUAIS INDÍGENAS BRASILEIROS, org. de Maria Sílvia S. Carvalho e Renate B. Vietler. São Paulo, Ed. do Autor, 2000. 176p. (Não tem ISBN)

Coletânea organizada pelo Centro de Estudos “Miguel A. Menéndez” (CEIMAM), com textos de seus pesquisadores. Apresenta e analisa rituais das mais diversas etnias nativas do Brasil, que permitem observações e aprofundamento em vários níveis e diversos enfoques.

SHENIPABU MIYUI, HISTÓRIA DOS ANTIGOS, org. por Comissão dos Professores Indígenas do Acre. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 2000. 168p.

Reúne, em edição bilíngüe Kaxinawá-Português, 12 narrativas dos mitos de fundação da nação indígena Kaxinawá, que habita a região do Alto Rio Purus, na fronteira do Acre com a Peru. Fruto de pesquisa dos professores que ali trabalham, que percorreram as diversas terras do seu povo, com o objetivo de criar uma escrita que preservasse a sua memória.

O SUPRA-SEGMENTAL EM TIKUNA E A TEORIA FONOLÓGICA, por Marília L. C. F. Soares. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP, 2000. (Coleção Pesquisas) 186p. v.1

A autora, doutora pela UNICAMP, publica o primeiro volume de uma obra de 2 livros que tem como tema a teoria dos casos em sintaxe - e não a ordem das palavras, uma consequência dessa teoria. Obra considerada por especialistas da área lingüística como uma enorme contribuição a literatura sobre línguas indígenas existentes no Brasil.

TUPÃ TENONDÉ: A CRIAÇÃO DO UNIVERSO, DA TERRA E DO HOMEM, de Kaka Werá Jecupé. São Paulo, Fundação Peirópolis, 2001. 120p. ISBN 85-85663-51-0
Pela primeira vez um índio Guarani comenta as “palavras formosas”. Tupã Tenondé é a revelação dos ensinamentos secretos da tradição oral Tupi-Guarani e chegam até nós como que para cumprir a profecia Guarani, segundo a qual “quando o espaço abraçar o círculo do novo tempo, Tupã renascerá no coração dos estrangeiros e os ensinamentos sagrados serão, enfim, divulgados”.

URI E WAXI: ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DOS KAINGANG, org. por Lúcio T. Mota, Francisco S. Noelli e Kimie Tommasino. Londrina, Ed. UEL, 2000. 378p. ilustr.
Resultados mais recentes de um grupo de pesquisadores das Universidades de Londrina, Maringá, UNICAMP e Federal de Santa Catarina, reunidos no Grupo Interdisciplinar sobre os JÊ do Sul. Mostra as principais reflexões nas áreas de arqueologia, história, antropologia, lingüística, educação indígena e arquitetura Kaingang, que vêm contribuindo para a renovação da produção acadêmica sobre os povos indígenas do sul do Brasil.

O USO RITUAL DA AYAHUASCA, org. de Beatriz Caiubi Labate e Wladimir Sena Araújo. Campinas, SP, Mercado de Letras/FAPESP, 2002. 690p. ISBN 85-85725-91-5
Artigos apresentados no I Congresso sobre o Uso Ritual da Ayahuasca, realizado na Universidade Estadual de Campinas, em 1997. A ayahuasca é uma bebida que saiu do âmbito das sociedades indígenas amazônicas, para se difundir entre seringueiros em cultos no interior da floresta ou também entre os vegetelistas amazônicos, seja na forma de diferentes religiões urbanas espalhadas pelo Brasil e, mais recentemente, por outros países do mundo.

VALE DOS ÍNDIOS; VALE DOS IMIGRANTES, de Maria do Carmo R. K. Goulart e Nilson César Fraga. Blumenau, SC, Cultura em Movimento, 2000. 245p. ilustr. fotos p/b, mapas, documentos. Não tem ISBN
Os autores, mestres em Geografia, residiram na Reserva Indígena Duque de Caxias com os índios Xokleng, no Vale do Itajaí, no estado de Santa Catarina. Aqui vai um estudo dessa comunidade quando da construção da Barragem Norte.

YANOMAMI: UM POVO EM LUTA PELOS DIREITOS HUMANOS, de Neusa Romero Barazal. São Paulo, Ed. USP, 2001. 205p. ilustr. mapas, tab. glossário. ISBN 85-31406-32-3
Depois de uma década da demarcação do maior território indígena da Amazônia brasileira, a autora faz uso correto de fontes históricas e etnológicas, além de farta documentação jurídica para trazer uma radiografia das sociedades indígenas que habitam entre o Brasil e a Venezuela.